

O Duplo Escolho

Frithjof Schuon

Há na natureza de cada homem uma dupla imperfeição e, espiritualmente falando, um duplo obstáculo: por um lado a paixão, que arrasta o homem para fora de si mesmo comprimindo-o, e por outro lado o orgulho, que prende o homem a si mesmo dispersando-o. A paixão acusa-se pelo apego, e o orgulho pela ambição; esta, ainda que fosse espiritual, não deixaria no entanto de ser mundana, a menos que se desse à palavra ambição – como se faz às vezes – um sentido transposto e neutro. De um modo análogo, se entendemos pela palavra paixão uma força em si neutra e disponível, podemos evidentemente falar de paixões santas, ou santificadas por seu objeto, mas evidentemente não é desta conversão de uma energia natural que se trata quando falamos de imperfeições ou obstáculos. Frisemos, neste sentido, que o orgulho não é suscetível de tal conversão; ele só pode ser destruído ou dissolvido, o primeiro termo indicando uma ascese primitiva ou penitencial, e o segundo, uma alquimia do amor, própria a “fundir os corações”, segundo os graus ou os modos do endurecimento; é verdade que por vezes fala-se de um “orgulho legítimo”, mas este situa-se num plano anódino que não tem relação com o vício ou o pecado.

A paixão, tal como deve-se compreendê-la aqui, é preferir o mundo a Deus; o orgulho é preferir-se a si mesmo a Deus, ou preferir a consciência sensorial ao Si imanente, metafisicamente falando. Ou ainda, para parafrasear a palavra de um santo: a paixão é abandonar a Deus; o orgulho é levantar-se contra Ele. Em consequência, podemos dizer: preferir o mundo – sob a forma do que quer que seja – à verdade ou ao bem, isto é a paixão; preferir-se a si mesmo – sob a forma de uma vaidade qualquer – à verdade ou ao bem, isto é o orgulho; porque a verdade, ou o bem, é a marca de Deus e faz o papel a função de Deus.

A paixão não se exprime somente pelo apego, ela se exprime igualmente, e de uma maneira ainda mais perniciosa, pela insaciabilidade. O orgulho não se exprime somente pela ambição, ele é ainda mais vicioso na obstinação. E aqui aparece que os dois vícios necessariamente se interpenetram: a paixão obstinada não vive sem paixão. O homem que é sem orgulho algum será também sem paixão, e aquele que é sem paixão alguma será do mesmo modo sem orgulho.

O orgulhoso pode ter todas as virtudes, mesmo um pouco de humildade, mas ele as reivindica para sua pessoa e assim as subtrai ilusoriamente de Deus, desligando-as de

todo valor intrínseco e de toda eficácia profunda; assim as virtudes do orgulhoso são como que esvaziadas de seu conteúdo. Quanto ao humilde, ele bem sabe que as virtudes lhe pertencem por empréstimo, como a luz pertence de uma certa maneira à água que a reflete, mas ele nunca perde de vista que não é o autor de suas virtudes – tanto quanto a água não é a origem da luz – e que as mais belas virtudes não são nada perto de Deus. Inversamente, mesmo quando quer-se separa-las de Deus para delas se apropriar, elas pertencem a Deus no que ainda têm de válido.

É possível que um homem tenha um desejo sincero de humildade – portanto de objetividade frente a si mesmo – e realize em função disto um modo de humildade real, mas que ao mesmo tempo ele não suporte nenhuma humilhação, mesmo merecida ou anódina; neste caso, a humildade se acha comprometida em maior ou menor medida por um elemento de orgulho, que se manifestará igualmente por uma certa propensão a humilhar os outros, e isto não será de outro modo que subestimando e interpretando desfavoravelmente algo que poderia ter uma interpretação favorável. A mistura possível da humildade e do orgulho prova que o orgulho, como a paixão, comporta graus: convém de fato distinguir entre um vício que está na substância mesma do homem e outro que não é mais que um acidente; o acidental é sanável, o substancial não.

Dissemos que um critério de orgulho – de um orgulho talvez acidental e não fundamental – é a propensão a não suportar humilhações e a inflingí-las de bom grado a outros. A boa atitude é não se insurgir contra uma humilhação quando ela manifesta a Verdade, e aceitar de boa vontade as humilhações que não põem em causa nossa dignidade real, aquela que Deus nos conferiu por seu ato criador e que existe em função da sua; nada prejudica tanto a nossa dignidade de “imagem de Deus” quanto o orgulho, pois ele nos afasta da substância divina de nossa dignidade. Bem sabemos, de um ponto de vista ascético e sentimental, nenhuma humilhação é imerecida, mas essa é uma questão de método e não de norma, e nossa perspectiva releva da natureza das coisas e não de um automatismo voluntarista e emocional.

Há orgulhosos que parecem humildes porque evitam denegrir os outros, embora nem por isso estejam menos imbuídos de si-mesmos, como há ao contrário aqueles que parecem humildes por fazerem pouco caso de seu valor, enquanto não deixam de subestimar os outros. Ou há ainda aqueles que se crê serem humildes porque são o aparentemente perante Deus, ou perante o mestre espiritual, ou perante um grande deste mundo, enquanto não o são de modo algum para com seus semelhantes, o que prova precisamente que não são sinceramente humildes nem para com seus superiores nem para com Deus. O apego, o egoísmo, a insaciabilidade são próprios da paixão; a ambição, a

pretensão e a obstinação são próprias do orgulho; os dois vícios, o orgulho e a paixão, repartem eventualmente entre si a tolice e a malícia, fazendo-se abstração da solidariedade indireta de todos os vícios.

A opinião popular assimila espontaneamente, e não sem razão, o orgulho à tolice. De fato, pode-se ser pretensioso por tolice, como se pode ser tolo por pretensão; as duas coisas se combinam. Certamente, a falta de inteligência não obriga à pretensão, mas esta não pode não prejudicar a inteligência; e se a tolice, como se admite comumente, é a incapacidade de discernir entre o essencial e o secundário ou entre a causa e o efeito, ela comporta por isso mesmo uma parte de orgulho; uma tolice combinada com uma perfeita humildade e um perfeito desapego já não seria tolice, mas sim uma simplicidade de espírito que não incomodaria nenhum homem inteligente e virtuoso.

Muito próxima da pretensão está a arrogância; mas esta é passiva, e aquela, ativa. É arrogante não aquele que, com direito e muita humildade, está consciente do valor daquilo que sabe ou daquilo que faz, mas aquele que está imbuído de seu próprio valor imaginário e o projeta sobre seu pequeno saber e sua medíocre atividade. A humildade, não é de modo algum contrária à autoridade, e não poderia mesmo sê-lo, pois a autoridade é uma qualidade positiva; humildade não é modéstia, o que mostra que a autoridade exclui esta ao mesmo tempo em que inclui aquela. Fazendo-se abstração de todo humilitarismo automático e excêntrico, -- mas inevitável e eficaz na ordem psicológica que lhe corresponde -- a humildade é a consciência de nossos diversos aspectos de fraqueza real, não imaginária, e ao mesmo tempo a ausência de todo desejo de afirmação individual; a modéstia, por contraste, é a consciência não de nossa limitação ontológica nem de nossa insuficiência humana, mas simplesmente de nossa incompetência ou de nossa incapacidade em determinado caso; de uma lado, a modéstia se aproxima da humildade, mas de outro ela se afasta, o que precisaremos dizendo que a modéstia deve sempre ser humilde, mas que a humildade nem sempre tem de ser modesta.

Há uma certa relação de fato -- humanamente falando -- entre a paixão e a beleza por um lado e entre o orgulho e a inteligência por outro, o que significa que a beleza e a inteligência tornam-se para o homem decaído uma faca de dois gumes, donde o ostracismo

do qual elas são freqüentemente vítimas por parte dos moralistas, e isto mesmo ao nível da teologia. No esoterismo, que por definição considera a Asseidade das coisas e não a oportunidade inferior; a inteligência e a beleza são plenamente reabilitadas e revalorizadas sempre se soube que as coisas que para uns podem ser uma sedução e uma causa de perdição, podem para outros se apresentar como um apelo em direção a Deus; este é todo o mistério da transparência metafísica dos fenômenos. Fazendo-se abstração tudo é da fraqueza da natureza humana, ou eventualmente dos imponderáveis desta fraqueza, a verdade de que se trata é simples: a inteligência e a beleza são intrinsecamente positivas; mas extrinsecamente e praticamente elas não são positivas ou boas senão com a condição expressa, subjetivamente de não se separar de Deus, e objetivamente de não serem encaradas fora d'Ele (em definitivo não e) em oposição a Ele. Este foi o pecado da Grécia Clássica e do Renascimento, precisamente sob o duplo aspecto do pensamento e da arte.

Para a paixão, as coisas deste mundo têm algo de absoluto; para o orgulho, é o ego que apresenta esse aspecto. Ora, é por demais evidente que isso é incompatível, não só com a noção de Deus, mas com mais forte razão com as práticas de meditação e de realização que a esta se referem. Combinar a idolatria e o narcisismo da natureza decaída com práticas convergentes sobre Infinito, -- tanto sob o aspecto da Imanência como sob o da Transcendência -- é seguramente a mais flagrante das hipocrisias e o mais mortal dos absurdos.

Resulta da maior parte de nossas considerações precedentes que o nosso ponto de vista não é o do voluntarismo individualista e sentimental: ele não coincide nem com o penitencialismo, segundo o qual só o desagradável leva a Deus, nem com o humilitarismo, segundo o qual todo homem deve se acreditar o pior dos pecadores. Quando falamos de paixão e de apego, entendemos não um certo apego natural que todo homem pode provar com respeito a certos bens e que não é de modo algum oposto nem ao senso de relatividade, nem à serenidade do espírito ou ao desapego global, mas unicamente o apego passional que -- como dissemos -- faz das coisas relativas valores absolutos em detrimento do amor a Deus; e quando falamos de orgulho, de ambição, de pretensão, entendemos não a consciência que o homem mais objetivo pode ter de seu valor nem a altivez natural ou o senso de dignidade ou de honra, que não se opõem de modo algum à consciência de nossa nulidade metafísica nem à humildade real para com o outro, mas unicamente a superestimação de si, que se acompanha inevitavelmente da subestimação dos outros e que

por este fato torna impossível a auto anulação sincera perante Deus. O orgulho é querer “guardar sua vida”, é se recusar a “morrer antes de morrer”.

Psicologicamente ou moralmente, distingue-se entre homens que são orgulhosos e outros que não o são, seja qual for o grau do vício; em misticismo volitivo e sentimental, dir-se-á ao contrário que todo homem é orgulhoso, o que por um lado é falso, -- porque então as palavras praticamente não teriam mais sentido – mais por outro lado não é menos verdadeiro sob o aspecto da virtualidade do orgulho, que se encontra em todo homem e que pode se atualizar segundo as circunstâncias, ainda que num grau fraco. O voluntarismo místico quer imprimir toda sutileza ineficaz; a intelectualidade espiritual, ao contrário, opera com a verdade e não com o zelo; seu remédio será, em consequência, não uma aproximação niveladora e útil, mas um conhecimento preciso do mal. O gnóstico -- no sentido original e não sectário da palavra – não perguntará: o que é volitivamente e sentimentalmente mais contrário ao orgulho? mas ele perguntará: qual é aqui a atitude natural das coisas, e qual é por consequência a atitude positiva – do espírito e da alma – da qual o orgulho é a negação ou a privação? Atitude do espírito antes de tudo: a saber, o discernimento entre o absoluto e o relativo, e, no relativo, entre o essencial e o secundário, - discernimento que engendra *ipso facto* a contemplação santificante e unitiva do Absoluto e do essencial. Atitude da alma em segundo lugar, em função mesma desse discernimento ou desse senso das proporções e de equilíbrio: a saber de um lado, o auto-apagamento e de outro a generosidade; ora, todas as virtudes fundamentais estão incluídas nestas duas qualidades.

Auto-apagamento perante Deus primeiramente, e depois, em função mesmo desta qualidade vertical, auto-apagamento perante o mundo, portanto na dimensão horizontal: toda virtude e todo mérito vêm de Deus, nós não somos mais que facetas reverberantes; o homem perspicaz e virtuoso, compreendendo que não pode de modo algum e sob nenhum aspecto acrescentar seus valores pessoais à perfeição divina, nem o menor que seja, que consequentemente diante de Deus ele não é senão um pobre, não quererá mais se fazer valer diante dos homens, ou seja, ele não pensará em impor ou prestigiar sua pessoa enquanto tal. Ele exercerá sua função, fará seu dever, será talvez rei, mas não é sua pessoa individual que ele afirmará, mesmo se sua função o obriga a impor sua pessoa enquanto agente e símbolo; o rei e o pontífice recebem de uma maneira impessoal, e humilde perante Deus, as honras que lhes são devidas. O humilde não tira

Todos os direitos reservados. É permitida a impressão deste texto, para usos individuais e particulares apenas. É proibida toda reprodução eletrônica, sob qualquer forma, bem como toda reprodução impressa que não individual e para uso particular. (www.sapientia.com.br)

nenhum prazer nem nenhuma ambição do fato de ser ‘eu’, e não tem nenhum preconceito em relação ao “outro”.

E o mesmo vale para a generosidade: ela deve exercer-se em primeiro para Deus e depois para os homens. Todos sabem o que é a generosidade para com o próximo; mas o que é a generosidade com relação a Deus? É o dar-se na contemplação, até a extinção – na medida do possível – na Vida divina no fundo de nossos corações.

O que importa no homem e decide sua sorte última, é seu Conhecimento, sua fé, seu caráter e sua atividade. Ora, o fundamento do caráter nobre, é precisamente o auto-apagamento e a generosidade: o auto-apagamento ou pobreza, que implica o desapego, a sobriedade, a paciência e o contentamento; e a generosidade ou magnanimidade, que implica o fervor, a perseverança, a confiança, a alegria em Deus.

A paixão e o orgulho constituem a priori o vício e o obstáculo: misturados às aspirações espirituais mais altas, formam-se abominação. Dir-se-á que isso sempre foi sabido, porque é evidente; sem dúvida. Mas as coisas que não foram jamais ignoradas parecem ser ao mesmo tempo aquelas que os homens têm mais dificuldades de aprender.

In L’OEIL DU COEUR,
Dervy –Livres, Paris, 1974.